A Grécia no Século V a.C.

"A Grécia comparada com o Império Persa, a Grécia não passava de uma pequena península, com pequenas cidades de atarefados mercadores espalhadas por aqui e acolá, um país de zonas montanhosas desertas e campos cheios de pedras, com capacidade para sustentar apenas uma mão-cheia de pessoas. Para além disso, como te deves lembrar, os Gregos dividiam-se por muitas tribos e as mais importantes eram as dos Dórios, no Sul, e as dos Jónios e Eólios, no Norte. Estas tribos eram muito parecidas, tanto no aspecto como na língua que falavam. Todas as tribos falavam dialectos diferentes, mas quando queriam – o que era raro acontecer – conseguiam entender-se umas às outras. Como é costume, estas tribos vizinhas não se conseguiam dar bem entre si. (…) A Grécia não era governada por um rei único nem por nenhuma administração comum. Cada cidade era um reino por si só.

Apenas uma coisa unia os Gregos: a religião e o desporto, que na verdade estavam intimamente ligadas. De quatro em quatro anos, organizavam-se grandes concursos desportivos em honra de Zeus, o Pai de todos os deuses, no santuário deste deus que havia em Olímpia. Para além de grandes templos, havia um estádio em Olímpia e todos os Gregos – Dórios, Jónios, Espartanos e Atenienses – lá iam para mostrar as suas capacidades nas corridas, no lançamento do disco e do dardo, na luta corpo a corpo, ou nas corridas de quadrigas. Vencer em Olímpia era a maior honra que um homem podia ter na vida. O prémio não passava de uma simples coroa de ramos de oliveira silvestre, mas os vencedores conquistavam uma grande fama: os maiores poetas cantavam-lhes louvores e os melhores escultores faziam estátuas suas, que ficavam para sempre em Olímpia. Os vencedores eram representados a andar nos carros, a lançar o disco, ou a espalhar óleo pelo corpo antes de uma luta. Ainda existem algumas destas estátuas de vencedores. Pode ser que encontres uma num museu.

Os Jogos Olímpicos tinham lugar de quatro em quatro anos e todos os Gregos lá iam; por isso, eram uma boa forma de medir o tempo. Aos poucos, o hábito foi adoptado por toda a Grécia. Assim como nós escrevemos "a.C." para dizer "antes do nascimento de Cristo" e "d.C." para "depois do nascimento de Cristo", os Gregos diziam: "No tempo desta ou daquela Olimpíada". A primeira Olimpíada foi em 776 a.C. Consegues calcular quando foi a décima?

Nem só os Jogos Olímpicos uniam os Gregos. Havia outro santuário que era igualmente sagrado para todos eles. Situava-se em Delfos, em honra do deus-sol Apolo, e tinha uma característica muito especial. Como acontece por vezes em regiões vulcânicas, havia uma fissura no chão por onde saía vapor. As pessoas inalavam aquele vapor e ficavam com a cabeça nas nuvens. Era como se estivessem bêbedas ou a delirar, e não diziam nada que fizesse sentido.

Para os Gregos, essa falta de sentido era um grande mistério e achavam que era "o deus a falar pela boca de um mortal". Assim, havia uma sacerdotisa – a que se chamava pitonisa – que se sentava num tripé por cima da fissura e outros sacerdotes que interpretavam a tagarelice dela como previsões do futuro. O santuário chamava-se Oráculo de Delfos; havia gregos de toda a parte que, em alturas difíceis da vida, faziam peregrinações até Delfos, para consultar o deus Apolo. A resposta que recebiam quase nunca era clara e podia ser entendida de muitas maneiras diferentes.

As mais importantes cidades da Grécia eram Esparta e Atenas.

Os espartanos eram Dórios, que quando chegaram à Grécia por volta de 1100 a.C., escravizaram os habitantes e puseram-nos a trabalhar nos campos. Só que havia mais escravos que senhores, e o perigo de rebelião fazia com que os Espartanos tivessem de manter-se sempre alerta porque podiam ficar outra vez sem sítio para viver. Os Espartanos tinham um único objectivo na vida: estar prontos para lutar, para esmagar qualquer revolta dos escravos e proteger-se dos povos vizinhos que ainda permaneciam em liberdade. Não pensavam mesmo em mais nada. (…) Desde pequeninos, treinavam do nascer ao pôr-do-sol, aprendiam a suportar a dor, a fome e o frio, comiam mal e não tinham direito a nenhuma distracção. Ainda hoje se chama "espartana" a uma educação que seja severa. Em 48o a.C., na batalha de Termópilas, por obediência às leis espartanas, os Espartanos deixaram-se

massacrar pelos Persas. Saber morrer assim não é fácil, mas saber viver bem se calhar ainda é mais difícil. Viver bem era o objectivo dos Atenienses: não queriam ter uma vida fácil e confortável, mas uma que fizesse sentido. Uma vida que deixasse marcas para além da morte. Alguma coisa que beneficiasse quem viesse a seguir. Vamos ver como é que eles conseguiram isso mesmo.

Se os Espartanos não tão vivessem tão cheios de medo – medo dos próprios escravos –,talvez nunca se tivessem tornado tão bélicos e corajosos. Os Atenienses não tinham quase nada a recear e não viviam sujeitos às mesmas pressões. Para eles, a situação era diferente, apesar de, tal como em Esparta, os nobres que antigamente governavam Atenas terem imposto leis severas criadas por um ateniense chamado Drácon. (Estas leis eram tão rígidas que ainda hoje as medidas severas são chamadas de "draconianas".) Os habitantes de Atenas, que tinham cruzado os mares com os seus barcos e visto, tantas coisas diferentes, é que não estiveram para tolerar essas leis durante muito tempo.

Na realidade, foi um nobre que teve inteligência para tentar instaurar um novo sistema de governo na pequena cidade de Atenas. Chamava-se Sólon e as leis que introduziu em 594 a.C., foram baptizadas em seu nome. Essas leis diziam que era o povo, quer dizer, os habitantes da cidade, quem devia decidir os assuntos da cidade. Deviam reunir-se na praça de Atenas e votar. Era a maioria que decidia e elegia um conselho de especialistas para passar as decisões à prática. Este tipo de governo chama-se democracia, que em grego quer dizer "governo do povo". Não quer dizer que todas as pessoas que viviam em Atenas tivessem direito a votar na Assembleia. A cidadania dependia da riqueza e da influência, e havia muitas pessoas, como as mulheres e os escravos, que não faziam parte do governo. Mas havia muitos atenienses que, pelo menos, podiam dar a sua opinião e, por isso, interessavam-se pela forma como se governava a cidade. Em grego, "polis" quer dizer cidade e "política", os assuntos de uma cidade.

Durante algum tempo, houve indivíduos da nobreza que se esforçaram por cair nas graças do povo para ganhar os votos das pessoas e, depois, tomarem conta do poder. Estes governantes eram chamados de tiranos. As pessoas depressa os expulsaram e, daí em diante, passaram a ter mais cuidado para garantir que eram elas quem de facto governava a cidade. A natureza caprichosa dos Atenienses e o medo de voltar a perder a liberdade levou-os a banir todo e qualquer político que desses sinais de se tornar demasiado popular, não fosse ele tomar conta do poder e governar com um tirano. O mesmo povo livre de Atenas que derrotou os Persas seria mais tarde responsável por tratar Milcíades e Temístocles com extrema ingratidão. Houve uma excepção: Péricles.

Quando falava na Assembleia, os Atenienses acreditavam que eram eles próprios quem tomava as decisões, mas na realidade era ele, Péricles, que já tinha decidido o que fazer há muito tempo. Isto não acontecia assim por ele desempenhar um cargo especial, nem por deter algum poder em particular; Péricles era simplesmente mais sábio e inteligente. Péricles foi subindo aos poucos na hierarquia até que em 444 a.C., - um número tão bonito como o tempo que representa -, se tornou de facto o único governante da cidade. A principal preocupação de Péricles era manter o domínio do mar por parte de Atenas, o que conseguiu através de alianças com outras cidades jónicas, que pagavam a Atenas para as proteger. Desta maneira, os Atenienses ficaram ricos e puderam aplicar os seus grandes dotes. Já te ouço a perguntar: "Mas o que é que eles fizeram que fosse assim tão fabuloso?" Só tenho uma resposta: "Tudo". Havia no entanto duas coisas que tinham mais interesse para eles e que eram a verdade e a beleza.

As assembleias ensinaram os Atenienses a discutir abertamente todos os assuntos, com argumentos a favor e contra. Eram um bom treino para a prender a pensar. Depressa começaram a usar argumentos e contra-argumentos, não só para debater assuntos do dia-a-dia como aumentar ou não os impostos, mas também em discussões sobre a natureza. Os Jónios das colónias já reflectiam há muito tempo sobre a matéria de que era realmente feito o mundo e sobre qual podia ser a causa de todos os fenómenos e acontecimentos.

É a este tipo de reflexão que se chama filosofia. No entanto, em Atenas, a reflexão – ou o filosofar – desenvolveu-se muito mais. Os Atenienses queriam saber como deviam agir as pessoas, o que era o bem e o que era o mal, o que era justo e o que era injusto. Queriam encontrar uma explicação para a existência humana e descobrir a essência de todas as coisas. É claro que nem toda a gente estava de acordo em assuntos tão complexos como estes. Havia várias teorias e opiniões que eram discutidas vezes sem conta, por exemplo na Assembleia do povo. Desde então, esse tipo de reflexão e discussão racional a que chamamos filosofia nunca mais parou.

Os Atenienses não se limitavam a andar de um lado para outro nos átrios e nos campos de desporto a falar de coisas como a essência da vida, a forma como se podia reconhecê-la e de onde é que vinha. Não se limitavam a imaginar o mundo de uma maneira diferente; viam-no de facto com olhos diferentes. Quando se olha para as obras dos artistas gregos, e se percebe como são naturais, simples e belas, é como se eles tivessem visto o mundo pela primeira vez. Já aqui falámos das estátuas dos campeões olímpicos. Mostraram seres humanos belos, não em pose, mas como se a posição em que estão fosse a mais natural do mundo. É por parecerem tão naturais que as estátuas são tão bonitas.

Os Gregos retractavam os deuses com a mesma beleza e humanidade. O escultor mais famoso deste tipo de estátuas foi Fídias. Não criava imagens misteriosas e sobrenaturais, como as estátuas colossais dos tempos egípcios. Embora algumas das estátuas que Fídias esculpiu para templos fossem grandes e esplêndidas e de materiais preciosos como o marfim e o ouro, a sua beleza nunca era insípida e tinham uma graça nobre e natural que deve ter inspirado muita confiança nos deuses que representavam; o mesmo se pode dizer das pinturas e dos edifícios atenienses. Infelizmente, nenhuma das pinturas que faziam nas paredes dos átrios e das salas de assembleia sobreviveu até aos dias de hoje. Só restaram as pequenas pinturas que faziam sobre cerâmica, em jarros e urnas – a sua beleza dá para perceber o que se perdeu.

Os templos ainda estão de pé, até mesmo em Atenas. Melhor ainda, a cidadela de Atenas – a Acrópole – ainda existe. Foi aí que, no tempo de Péricles, se construíram novos templos de mármore, pois os Persas tinham deitado fogo e destruído os templos anteriores enquanto os Atenienses se refugiavam na ilha de Salamina.

Na Acrópole encontram-se alguns dos edifícios mais bonitos do mundo. Não os mais grandiosos, nem os mais esplêndidos. Apenas os mais bonitos. Todos os pormenores são tão claros e simples que não se consegue imaginá-los de outra maneira. Todas as formas que os Gregos utilizaram nesses edifícios foram depois usadas vezes sem conta na arquitectura. Por exemplo, há colunas gregas, de vários tipos, em quase todas as cidades do planeta. Para as descobrires basta saberes identifica-las. Só que nenhuma delas é tão bonita como as da Acrópole, onde não foram utilizadas nem para dar nas vistas nem para decoração, mas com o propósito para que foram inventadas: para serem elegantes suportes dos telhados.

Os Atenienses conseguiram aliar a sabedoria do pensamento à beleza da forma numa terceira forma de arte: a poesia. Também neste caso, trouxeram uma novidade: o teatro. O teatro, como o desporto, estava muito ligado à religião. Por isso, os Atenienses organizavam festivais em honra de Dionísio (também conhecido por Baco). Num festival em honra deste deus, havia representações que podiam durar o dia inteiro. Realizavam-se ao ar livre, e os actores usavam máscaras enormes e saltos altos para as pessoas os conseguissem ver bem ao longe. Ainda existem algumas das peças que eles representavam. Umas eram sérias, grandiosas e solenes: eram as tragédias. Outras eram muito divertidas, mordazes e animadas, e nelas se gozava com certos cidadãos atenienses: eram as comédias. Eu podia dizer-te muito mais sobre os Atenienses: sobre os historiadores e os médicos, os trovadores, os pensadores e os artistas, mas acho que é melhor seres tu, um dia, a descobrir outras coisas sobre este povo. Nessa altura, vais ver como eu não fui exagerado".

Gombrich, E.H. (2006). Uma pequena história do Mundo. Lisboa: Tinta da China. (pp. 64-70)